

## O livro de José Pratas

Rui Gonçalves

24Out2014

José Pratas incumbiu-me de dizer algumas palavras nesta apresentação do seu primeiro livro. Não me deu direito a recusa ou sugestão de alternativa. Foi amizade cega. E aqui estou, se bem que outros o fizessem melhor.

Quero começar por dizer que eu julgava que o José Pratas, médico sempre ocupadíssimo, só escrevia relatórios clínicos e prescrições de medicamentos...

Não, isto é mentira, apenas uma piada. Porque eu sabia, eu sei que ele escreve, ou pelo menos escreveu durante muitos anos, artigos para revistas dirigidas a médicos ou do meio da medicina.

Mas verdade é que foi só há cerca de uma dezena de meses que soube que ele estava a acabar de escrever um livro – este livro.

Quando tive o privilégio de o ler, foi uma descoberta! Descobri um outro José Pratas que não conhecia. Uma surpresa! Um espanto!

Estou em crer que esta surpresa não será só minha. Estou francamente convencido que não me enganarei muito se disser que a maioria dos seus amigos, a maioria dos que estão nesta sala não veria em José Pratas um autor de livro como este que vão conhecer.

Eu não sei se conseguirei aqui fazer aquilo que gostaria, o ser capaz de vos mostrar quanto este livro me deslumbrou, me tocou lá bem no fundo, e porque é que o considero muito muito importante. É uma opinião de leigo em matéria literária, mas é a minha profunda convicção.

E também dizer que, agora que já tenho este livro na mão, vou ficar à espera do segundo, do próximo. E esta é outra ideia que desde já antecipo: vão sentir, na vossa leitura, que o autor tem muito mais para nos contar. Sim, isto não fica por aqui; não pode ficar por aqui.

Uma das razões mais relevantes da importância deste livro está reflectida na primeira página, uma página que corre o risco de ser lida demasiado depressa. É uma citação:

*A história é o melhor lugar para pensar o futuro.*

Esta frase do António Nóvoa, ex-reitor da Universidade de Lisboa, espelha muito bem boa parte da motivação do autor para escrever este livro.

Fica muito claro, durante toda a leitura do livro, que ele quis deixar memória de um determinado tempo das nossas vidas – de um tempo que foi determinante em muitos aspectos para todos nós. Convém pois ter presente esta frase do António Nóvoa durante a leitura deste livro – porque José Pratas ajuda-nos a fazer uma certa visita à nossa História para percebermos melhor quem somos hoje e, também, a pensar sobre o nosso amanhã.

É também por isto que considero este livro muito importante.

Vou tentar não vos revelar demais daquilo que o autor nos conta; não quero roubar-vos o prazer da descoberta na vossa leitura. Mas vou apoiar-me nalgumas partes do livro porque há coisas que nada melhor que o próprio texto o pode dizer. E também para vos aguçar o interesse... Enfim, não é preciso preocupar-me em aguçar-vos o interesse – quando começarem a ler, verão que não têm vontade de parar; ao invés, dá vontade de voltar a ler.

Então do que trata este livro ?

Vou apoiar-me no livro e ler-vos o que consta na contra-capas:

*Aqui do que se trata não é de tácticas militares.*

*José Pratas é médico e, quando ainda recém-formado, foi obrigado a fazer medicina no meio de uma guerra; dois anos de inferno.*

*Como foi difícil ser médico!*

*Um tempo passando tão lento que custava ver o calendário mudar de página. E tanta era a vontade de sair dali.*

*Em 10 quadros José Pratas conta-nos várias histórias reais.*

*São muitos dramas, desesperos, sacanices, ilusões, privações, a doença a atormentar, a falta de tudo, muitos muitos companheiros mortos, milhares de famílias infelizes, a dor por fora e por dentro, a esperança tantas vezes a fugir, tantas...*

*mas também o humor, uma ironia certa, brincadeiras entre homens que quase ainda não tinham tido tempo de viver mas comiam e dormiam com a morte sempre a espreitar.*

*"Parece que não combina bem, médico e militar".*

*José Pratas conta-nos como foi viver esta contradição nos termos. Na Guiné do início dos anos setenta.*

Creio que isto dá uma ideia do que vão encontrar quando lerem o livro.

Dá apenas uma ideia muito geral, porque em cada história que nos é contada, cada momento daqueles meses sem fim, há uma imensidão de detalhes. E cada um desses detalhes é precioso para a nossa memória colectiva sobre o que foi a vida de muitas pessoas, milhares, pessoas de carne e osso como qualquer um de nós, pessoas que muitas ainda andam por aí, pessoas que, sem sabermos, estão mesmo ao nosso lado.

Naquela altura éramos filhos, porventura recém-maridos, alguns com filhos/filhas de tenra idade, e hoje somos também avós. E é muito importante que as filhas e filhos, as netas e netos, as pessoas mais jovens com quem convivemos todos os dias, saibam o que aconteceu, porque aquilo foi o que, indirectamente, também lhes aconteceu. É algo da nossa história, que de qualquer forma se posiciona como um dos elementos de alicerce do presente e futuro delas e deles, os mais jovens.

Eu sei que foi também a pensar nos mais novos que lhe estão próximos que José Pratas escreveu este livro; para que saibam o que aconteceu ao pai, ao avô.

Este livro é também, em certa medida, uma parte de uma história de vida.

*'Senhor médico, nosso alferes'*

Este título é também uma parte da história. Foi a Olívia que deu o título a este livro. Foi a Olívia que repetiu vezes sem conta a condição do narrador. Um título que é também um revelador da sensibilidade do autor e da força dos detalhes daquelas vivências.

A explicação disto está logo nas primeiras páginas. Um pequeno texto saboroso de leitura. Mas não digo mais para vos deixar o prazer da descoberta quando o lerem.

Creio que muita gente que conhece José Pratas sabe que ele e o João Trindade têm uma relação de amizade muito forte; 'somos como irmãos' diz o João muitas vezes. Portanto não é surpresa ser ele, João Trindade, a prefaciar este livro. Um belo prefácio no qual eu me revejo quase completamente; e só um quase porque não posso assumir o facto de serem ambos médicos, que eu não sou, e terem estado ambos na Guiné na mesma altura. Portanto o João é necessariamente um leitor diferente de mim na medida em que muito do que nos conta o autor tem para ele uma proximidade factual que para mim não pode haver (andei por outras colónias uns anos antes deles, felizmente sem confronto directo com a guerra).

Mas, sublinho, que não é a leitura de quem andou nessas andanças que dá relevância a este livro; é tão importante este livro para os que tiveram essa experiência, de viver obrigados com uma farda numa colónia, como para os que não sabem o que isso foi. E para estes, os que não sabem quase nada do que foi esse período de guerra colonial, este livro é uma revelação certamente maior porque mostra quadros muito impressionantes do que foram os sacrifícios de uma geração que viveu aquilo; os que estiveram lá e os que ficaram cá à espera de notícias, eventuais curtas visitas e, sobretudo, do regresso, do reencontro.

O João Trindade não fez apenas o prefácio. Ele também aceitou o desafio que José Pratas lhe lançou de ter fotografias suas neste livro. Fotografias que nos permitem visualizar algo da Guiné desse tempo.

Mas o essencial do livro são os 10 capítulos nos quais o autor nos revela factos, ambientes, emoções, trivialidades, por entre dramas e risos, mas também a sua leitura das circunstâncias que foi vivendo, que têm a ver com o tempo que corresponde ao período da vida de um médico, ele, desde que é incorporado nas forças armadas até lhe dizerem que deixou de ser militar e que, finalmente, pode ser médico sem guerra.

A narrativa tem um pano de fundo: como foi ser médico ali, naquele inferno, e como funcionavam os serviços de saúde naquele contexto de guerra.

Não é, de todo, uma espécie de diário.

Não é uma autobiografia; se bem que haja uma forte componente autobiográfica na narrativa.

Não é cronológico. Aliás o livro começa por nos revelar situações muito posteriores aos anos de guerra. Conta-nos encontros do autor, na sua actividade de médico, com pacientes que lhe entram no consultório, muitos anos depois, e descobrem que andaram metidos na mesma guerra. Situa-nos primeiro no agora para depois partirmos, a recuar, para o lugar daqueles detalhes que fazem parte da nossa história.

Em cada capítulo o autor dá-nos a conhecer vivências relacionadas com um determinado tema. Não é bem um tema. Talvez melhor será dizer que cada capítulo tem um assunto central, mas com um assunto abordam-se também vários outros. E o indício daquilo que é cada assunto central está numa frase, uma citação extraída do próprio texto, que podemos encontrar no índice e que também está no início de cada capítulo.

Por exemplo a frase do primeiro capítulo, aquele a que me referia mesmo agora e que nos situa num tempo recente, diz-nos

*‘Não sei se há guerras justas ou injustas, mas todas são feias.’*

É um 1º capítulo que serve de contextualização daquilo de que nos fala o autor: a guerra colonial, as provações tremendas impostas a tanta gente, mas muito mais, muito mais, muita coisa que se viu acontecer e que não devia acontecer.

Mas esse 1º capítulo é também aquele onde o autor mais directamente se expõe, com a coragem de revelar as suas contradições – cada um de nós tem as suas. Por exemplo diz-nos o autor; sublinho o autor, porque neste capítulo o autor não recorre muito ao narrador – aqui é muito texto de autor. Diz-nos ele o seguinte:

*Ficam afastados do propósito destas considerações quaisquer juízos de carácter ideológico ou político*

Ora isto, a meu ver (na minha modesta opinião) não existe, não é possível. E vão ver, quando lerem, que o autor toma posição. Defende opções e

critica outras. Não é discurso neutro. Existem dúvidas sim, por diversas ocasiões. Mas não há discurso neutro.

E não precisamos de estar sempre de acordo com o autor, ou com o narrador, ou com um ou outro dos personagens, para que se reconheça a qualidade do texto. E neste livro temos qualidade. Qualidade quer na forma como no estilo e na substância.

É importantíssimo um testemunho como este, porque quem por lá andou geralmente não gosta muito de falar sobre isso. Não é nada fácil falar sobre aquilo. Fica-se com a sensação de que as palavras não dizem nem um pouco do que foi aquilo.

Diz o narrador quando o Ezequiel contava um confronto com a morte:

*o beijo a tremer e a voz a atraí-lo, quase se esquecia de respirar.*

Mas a tendência é para só falarmos destes 'detalhes' da vida com quem nos pode entender. Uma vez mais recorro à voz do autor:

*Sem testemunhas, para a maioria, as recordações viriam a sumir-se depressa após o regresso no recomeço de uma nova vida, como se nada tivesse acontecido. E enquanto lá estavam cada dia fazia já parte do passado. Só o futuro contava.*

É como fugir daquele inferno, esquecer; olhar só para o amanhã, o futuro a construir.

E, no meio do drama, há também neste livro uma escrita com muito humor.

Quem conhece o autor sabe que ele, aparentemente sempre muito sério, tem um humor muitas vezes desconcertante. Pois bem essa faceta está também neste livro. Ele consegue um equilíbrio notável entre descrições fortíssimas de situações dramáticas, de pesadas emoções, e também de situações divertidas, frases que nos fazem rir em silêncio ou mesmo gargalhar – eu ri-me sonoramente em várias passagens divertidíssimas, dei-me conta de rir sozinho na minha sala, ou melhor, ri-me com ele, com o que ele me contava.

E com esse humor o autor dá ainda mais força às situações de precariedade em que viveram milhares de jovens mas também famílias, tantas famílias,

as que residiam naquelas terras e também as que estavam muito longe, alguns aqui neste Portugal então quase nada europeu.

Eu ficaria aqui mais um par de horas a falar do livro do José Pratas, mas não quero abusar da vossa paciência.

Deixei para o fim as referências à 'Nota Prévia' do autor. Nessa nota ele diz-nos porquê escrever este livro.

Como já referi, vão descobrir por todo o livro muitas razões que nos fazem perceber quão importante é este livro ter sido escrito, mil e uma razões da importância deste livro. Agora que este livro é também nosso, cada leitor encontrará inúmeros elementos reveladores da importância deste livro.

Mas José Pratas, na sua nota prévia, diz-nos que este livro é

- uma homenagem,
- um testemunho,
- um combate contra o silêncio sobre o sacrifício por que passou tanta gente,
- um legado de informação para os mais jovens.

Sim, combater o silêncio sobre acontecimentos que fizeram parte das nossas vidas e afectaram milhares de nós, uma imensidão de famílias. Foi mais um silenciamento que de facto houve, durante tantos anos, resultado dos 'politicamente correcto' de vários momentos dos anos que se seguiram ao fim da guerra colonial. Diz-nos o autor, com razão e alguma ironia

*Até para se ser ex-combatente é preciso ter sorte!*

E factos tão recentes como um da semana passada nos revelam a oportunidade desse comentário. Houve solenidade na evocação dos nossos compatriotas que estiveram na frente da chamada 1ª grande guerra, evento com discursos ao mais alto nível político (e nada haverá a criticar pois que houve portugueses envolvidos). Mas continuam a ser raras, singelas e contidas as evocações aos que foram forçados a viver as frentes da guerra colonial.

Sim, este livro é também uma homenagem aos que morreram, aos que sofreram, aos que ainda hoje, já homens maduros, ainda sofrem

*Não se reconhecem nem como vítimas nem como mártires nem como heróis do seu tempo. Não se sentiram vítimas, porque naquela idade não tiveram consciência de culpas suas ou de outrem. Não foram mártires, porque não foram voluntários em nome de um qualquer ideal. Não foram heróis, por modéstia. Então, foram apenas resignados, disponíveis, generosos, destemidos, audazes e humildes.*

E noutra parte, outra afirmação de homenagem:

*É perante estes e aqueles outros que pereceram, antes de terem tido tempo para viver, que me curvo com infinito respeito pelo seu sacrifício, pela sua dor e pela mágoa das suas famílias. São merecedores da admiração de um povo inteiro e credores de uma infinita gratidão.*

“que me curvo com infinito respeito” – eis o gesto do autor que muitos querem seguir, muitos outros quererão seguir, em silêncio, como um grito, homenagem.

Mas devemos dizer também que acontece uma grande satisfação quando encontramos alguém que partilhou connosco esses tempos difíceis. E satisfação com boas memórias dessas vivências, que também as há; fizeram-se sólidas amizades, viveram-se intensas cumplicidades.

A propósito de uma boa pessoa com quem o autor se cruzou naquele inferno, e porventura poderia igualmente dizer-se de outros, ele refere:

*Uma generosidade maior que o tamanho do mundo em que viveu.*

Uma última razão que nos é dita na nota prévia, este livro é também um legado, talvez também um alerta, para os jovens de hoje, precisamente porque “A História é o melhor lugar para pensar o futuro” e porque “todas as guerras são sujas”.

Eu poderia dizer muitas outras razões que a minha leitura me fez descobrir nas páginas deste livro. Mas direi apenas mais uma em complemento das anteriores: é que este livro é também uma conversa com os nossos pais, família, amigos e amigas que nos viram partir para essas terras longínquas e quiseram tanto, tanto ver-nos regressar. Muitos não regressaram.

Portanto José Pratas fala de nós, os da nossa geração, a dele que é a minha; fala da geração dos nossos pais e avós – e já poucos estarão connosco,



esses que sofreram à distância aqueles tempos de inferno; e fala para os mais jovens, pelo menos aqueles que quiserem servir-se dos detalhes da História para percebermos onde estamos e por onde será possível caminharmos.

A todos José Pratas nos deixa um rol de informação de quem viveu um certo tempo num certo espaço deste nosso mundo. Um tempo e um espaço muito pesados de consequências nas vidas de todos nós.

Tenho falado deste livro a várias pessoas, amigos desse tempo de fardas e também outras mais jovens. Entre elas os meus filhos, com quem não soube no passado falar desse tempo. Dos anos que nos roubaram. Pois bem, este livro é um bom suporte para acabar com esse fechamento que nós, os da nossa geração, também alimentámos. Posso dizer que a todos os que falo ficam interessados em conhecer este livro. É muito importante que seja lido. É muito importante porque ele ajuda a meditar.

Espero ter cumprido pelo menos um objectivo que era o de falar deste livro sem vos roubar o prazer da descoberta nas vossas leituras. Depois de tudo o que disse fico com um sabor de não ter sido capaz de dizer que gostei muito, muito, muito. De não ter sido capaz de mostrar ou de demonstrar porquê, por que é que gostei tanto, tanto.

Como leitor interessa-me muito, cada vez mais, a forma e o estilo da escrita; não apenas o que se diz mas o como se diz. E numa forma aparentemente simples e directa há neste livro um feitiço na linguagem. Ficamos presos na leitura. E vão encontrar frases espantosas, com belíssima construção literária.

Ó Zé tu escreves muito bem!

Será que disse alguma coisa de acertado sobre este teu livro? Ou será que deturpei o sentido da tua escrita ?

Como vais ser tu a falar em seguida deixo-te ainda mais uma pergunta para se quiseres responder: será que as razões que referes na nota prévia, são as que justificam a escrita ou são, depois da escrita, razões que justificam a edição? Razões que demonstram que era impossível não editares este livro?

Obrigado meus amigos pela vossa paciência.